

Juan Gabriel Vásquez

Os nomes de Feliza

Tradução de Guilherme Pires



Era assim, a pensar na vida breve de Feliza Bursztyn, que eu passava os dias. Todas as manhãs, desde o início de um outono demasiado cálido, saía cedo do meu apartamento emprestado e caminhava pelas avenidas amplas até ao bairro de Montparnasse, onde Feliza aprendeu a modelar argila na juventude e onde morreu de morte prematura um quarto de século mais tarde. Era um percurso de vinte minutos que começava perto do metro de Gobelins, passava diante do edifício onde viveu a escultora Camille Claudel, e acabava no meu local de trabalho, uma sala pequena cujo janelão dava para uma acácia de ramos grossos e para a rue de la Grande Chaumière. Ali, naquela rua curta que era visível da minha janela, ficava a academia de arte onde estudou Feliza nos anos cinquenta, e bastava dar a volta ao quarteirão, caminhar mais três ou quatro minutos, para chegar ao local onde morreu em 1982. Toda uma vida contida num par de bairros parisienses, pensava eu enquanto percorria aquelas ruas, absurdamente convencido de que apenas assim, observando muitas vezes o que ela tinha visto, poderia compreender o que aconteceu para que morresse tão jovem, com apenas quarenta e oito anos, ainda para mais tão longe, a oito mil quilómetros do nosso país, que ela sempre amou apesar de ter sofrido tanto por ele.

Mas apercebi-me muito depressa de que compreender Feliza era um projeto difícil. Nada do que se relacionava com ela me parecia simples. Nem sequer o seu nome era simples, enrolava-se na língua de todos os que a conheceram e obrigou-a a esclarecer constantemente os que erravam,

corrigindo ortografias, lamentando a errata já irremediável de um título de notícia ou explicando perante qualquer pessoa toda a história da sua família, concluindo sempre com a prova de que não havia ninguém mais colombiano do que ela, apesar das origens remotas da sua genealogia e das demasiadas consoantes do apelido. Nenhum dos feitos da sua vida foi simples: nem os erros nem os acertos foram simples, nem tão-pouco os amores ou os desamores; não foram simples os fracassos, nem o mal-entendido dos seus êxitos. A vida de Feliza teve muito de lenda, mas foi ela própria quem se encarregou de a construir: com a sua liberdade ostentosa, que aos olhos de tantos era um insulto, e com as respostas críticas que dava aos jornalistas, como se nada a divertisse mais do que enganá-los, e, claro, com as criaturas que saíam do seu ateliê, os artefactos e mecanismos de metais retorcidos com recurso ao maçarico, ou as instalações sibilinas que provocavam e confundiam de igual modo, pois ninguém entendia que não tivessem forma humana e conseguissem, apesar disso, despertar a compaixão ou a fúria ou o riso ou a luxúria como qualquer cena mitológica feita com mármore de Carrara.

Por vezes, ao chegar à rua da academia, eu estacava uns segundos diante da sua porta, sempre fechada para todos os que não fossem alunos ou instrutores. Sobre a fachada, junto aos janelões translúcidos, uma sucessão de placas de mármore anunciava os nomes dos velhos mestres como se ainda estivessem vivos — Wlérick, Brayer, Jérôme, Artozoul —, e no meio de todos eles, em letras douradas sobre fundo cinzento, o nome do homem que foi o mestre de Feliza, Ossip Zadkine, com a concisa enunciação do seu ofício: *Escultura*. Não sei quantas vezes caminhou Feliza por este passeio, nem quantas vezes passou à frente destes janelões, mas num qualquer momento do meu outono comecei a imaginá-la assim, a entrar pela porta estreita com os seus passos largos, soltando as gargalhadas estrepitosas que pareciam carregar o seu próprio eco,

sem suspeitar que morreria a poucos quarteirões dali, num restaurante russo, perante cinco pessoas que a amavam. E aqui estava eu, numa sala pequena da mesma rua da academia, quarenta e um anos e oito meses depois da morte de Feliza, dedicando a minha vida à sua, pensando nela seis, dez, catorze horas por dia, tentando vê-la com clareza, observando-a com atenção ou atentando no seu fantasma: imaginando-a, em suma, como se tivesse de a esculpir em barro. Não o fazia sem ajuda, claro. No meu local de trabalho acumulavam-se as fotografias e os documentos que falavam sobre Feliza, todos os emissários do passado aos quais recorria para reconstruir a sua vida; na minha memória viviam as conversas, as horas de diálogo que tive, no decorrer dos anos, com as pessoas que partilharam o mundo com ela, e em particular com o homem que era seu marido quando ela morreu: Pablo Leyva.

Conhecemo-nos em Bogotá, seis meses antes da minha chegada a Paris, quando ele aceitou que eu o visitasse no seu apartamento das colinas orientais para conversar sobre os últimos dias com Feliza, ou melhor, sobre os dias que viveram juntos em Paris sem saber que seriam os últimos. Há vários anos que Pablo escrevia artigos informados e combativos sobre assuntos ambientais, sua obsessão e trabalho de toda uma vida, fazendo-o, ainda para mais, no jornal *El Espectador*, onde escrevi as minhas próprias colunas de opinião durante algum tempo; por isso, o seu rosto — ou a versão do rosto que se reproduz na fotografia pouco clara de uma página de imprensa escrita — não me era desconhecido. Agora, aos oitenta e três anos, mantinha a barba que ostentava desde a juventude já tão distante, mas menos densa e mais grisalha. Falou-me com cortesia, sentado numa cadeira de baloiço, diante de uma mesa de centro onde brilhavam duas figuras de bronze que reconheci de imediato: eram obra de Feliza Bursztyn. Ali, perante aquelas testemunhas de outro tempo, recordou a mulher que continuava presente na sua vida de diversas formas.

Mas as memórias, sobretudo as que são dolorosas, não surgem de modo automático quando as invocamos, é preciso cortejá-las, são como animais hesitantes que não se atrevem a aproximar-se, e por vezes temos de lhes oferecer alimento para que saiam do esconderijo. Fiz questão de me desculpar por obrigá-lo a recordar momentos difíceis, pois ninguém deve fazê-lo para satisfazer o interesse de outro, ou melhor, porque o direito ao esquecimento devia ser sagrado.

Seria eu um intruso, um impertinente, por querer saber de Feliza Bursztyn, por querer conhecê-la até onde fosse possível, ou conhecê-la suficientemente bem para contar o mundo visto do seu olhar? Seja como for, percebi que ali, durante aquela conversa, Pablo recordava certos pormenores pela primeira vez em muitos anos, e era visível — nas suas palavras que pareciam avançar às apalpadelas, nos seus olhos fechados como se lhe ardessem — o esforço que a memória lhe exigia. «Não, disso não me recordo bem», disse-me mais do que uma vez. Ou antes: «Vou ter de pensar melhor nisso.» Mas nunca me disse: «Sobre esse assunto não quero falar.»

Ao longo dos meses que se seguiram, a memória reticente de Pablo foi revelando os seus segredos. Enquanto eu me instalava no apartamento emprestado de Paris para prosseguir as investigações, e conversava com outros testemunhos da vida de Feliza e obtinha outras informações e reunia outros documentos, e enquanto a mesa com tampo de feltro verde do meu posto de trabalho se ia enchendo de velhos recortes de jornais e fotografias a preto-e-branco, comecei com Pablo uma relação epistolar que não teria destoadado num romance de outro século. Ele enviava-me enormes ficheiros de Word nos quais respondia às minhas perguntas e também a perguntas que eu não lhe tinha feito, e amiúde fazia-me também as suas próprias perguntas, que podiam resumir-se numa: «O que queres saber?» Eu poderia ter esgrimido argumentos grandiloquentes sobre a minha velha obsessão com as forças incontrolláveis da

história e da política, ou, melhor dizendo, com a forma como tais forças transtornam as nossas vidas privadas. Mas não o fiz. Falei-lhe do tempo em que cheguei a Paris, em 1996; da doença desconhecida que sofri poucos meses depois e dos diagnósticos errados e da preocupação dos médicos; e da leitura, durante esses dias de incerteza, de um livro que acabara de sair na Colômbia e que trouxera na mala, acompanhado de cinco romances de Faulkner, quatro de Vargas Llosa e das obras completas de Borges em três volumes de tipografia confusa. É possível que o que lemos nos momentos difíceis nos interpele de modo especial; em todo o caso, foi isso que aconteceu com este volume, que me acompanhou durante dias nas salas de espera dos consultórios diversos ou nos longos trajetos no metro, e que me parecia preferível aos outros porque se compunha de textos curtos e permitia a leitura esporádica de uma atenção preocupada com outras coisas. Chamava-se *Notas de prensa*, tinha na capa umas asas de borboleta e reunia os artigos de opinião que Gabriel García Márquez havia publicado entre 1980 e 1984. Um desses artigos, o de 20 de janeiro de 1982, começava assim:

A escultora colombiana Feliza Bursztyn, exilada em França, morreu de tristeza às 22h15 da passada sexta-feira, 8 de janeiro, num restaurante de Paris.

Eu tinha vinte e três anos e não sabia quem era Feliza Bursztyn. Poderia ter pensado no que perguntei a mim mesmo com o passar do tempo: porque estava exilada, porquê em França e porque é que García Márquez sabia tantas coisas sobre ela. Mas a pergunta que se formou na minha cabeça naquele momento, a pergunta sem a qual talvez não se tivessem produzido as outras, a pergunta original que não me deixara em paz nos vinte e sete anos transcorridos desde então, era outra.

— Porque morreu de tristeza — respondi a Pablo. — É isso que quero saber. Porque estava a Feliza tão triste, e porque estava tão triste que morreu disso.

No final de setembro, Pablo veio passar uns dias a Paris. Vivera na capital francesa durante os anos cruciais da sua juventude, pouco antes de iniciar a relação com Feliza: chegou com os seus vinte e quatro anos, o seu diploma de engenheiro químico e uma generosa bolsa de estudos oferecida por várias instituições colombianas — o Banco da República, a Federação Nacional de Cafeicultores — e que obtivera por mérito académico. Em vez de ir para os Estados Unidos, como todos os seus colegas de curso, preferiu vir para esta cidade, mais distante em termos geográficos mas mais próxima quanto ao temperamento. Aqui concluiu um doutoramento que traçaria o itinerário de toda a sua vida; aqui assistiu às revoluções da rua em maio de 1968 e ajudou muitas vezes os estudantes feridos após confrontos com a polícia; mas não participou nelas, porque foi também aqui que descobriu a sua alergia congénita a qualquer tipo de violência.

— Sabes quão forte é a minha relação com Paris? — disse-me ao telefone. — Foi aqui que deixei crescer a barba pela primeira vez. E olha, dura até hoje.

Combinámos o encontro no Café du Métro, um lugar no boulevard Saint-Germain que sugeri por uma razão muito simples: ficava a poucos passos da rue de Bièvre, onde Pablo e Feliza viveram juntos. Nesse café, durante uma tarde que se transformou em noite, numa mesa de esplanada redonda e estreita cujos vizinhos mudavam e voltavam a mudar como num jogo de cadeiras, diante de uma série teimosa de chávenas de café que se transformaram num copo de vinho branco com o passar das horas, embarcámos nesse impulso que é sempre imperfeito: a reconstrução do passado, esse lugar

incómodo que só existe enquanto o contamos. O céu ficou limpo e mudou de cor por cima de nós, os lampiões de rua acenderam-se e a luz do mundo ganhou novos cambiantes nos rostos das pessoas, e ali estávamos nós, dois homens separados por quatro décadas de experiência, eu a ouvir a história de Pablo como se esta escondesse um segredo importante da minha vida, e ele a recordar, com todo o pormenor de que era capaz, aquela sexta-feira de janeiro que tantas vezes quisera condenar ao esquecimento.

Quando saímos do café, já era noite cerrada.

— Caminhámos muitas vezes por este mesmo passeio — disse-me Pablo. — Pode dizer-se que era o nosso bairro. — Avançávamos na direcção do trânsito noturno, entre transeuntes que desfrutavam do ar ainda suave daquele outono demasiado quente, e dirigíamo-nos para a esquina da rue de Bièvre como se fosse a coisa mais natural do mundo. — O número 25 — referiu. — Já não vinha aqui há muito tempo.

Pablo mencionara na conversa a característica mais invulgar do edifício: o facto de, mesmo em frente, se situar a residência privada do presidente François Mitterrand. Mais do que uma vez se cruzaram com ele no passeio, quase um vizinho como outro qualquer, e mais do que uma vez o viram da janela do segundo andar. Quando nos aproximámos do número 25, pareceu-me necessário confirmar que o portão da casa de Mitterrand se via dali, não porque considerasse que a memória de Pablo era imprecisa, mas porque nunca consegui libertar-me de uma superstição de jornalista que quer corroborar tudo, mesmo pormenores sem importância aparente, como se desrespeitar as pequenas verdades do mundo dos sentidos fosse condenar toda uma vida humana — a de Feliza, neste caso — ao inferno da mentira.

A rue de Bièvre era uma rua curta e estreita que começava no boulevard Saint-Germain e acabava junto ao rio, com

margens tão apertadas e trânsito tão escasso que as pessoas preferiam caminhar no meio da estrada.

— Naqueles dias, estava fechada, por uma questão de segurança — disse-me Pablo quando chegámos. — Nas embocaduras, de um lado e do outro, havia dois gendarmes armados que só deixavam passar os residentes. Nos primeiros dias, pediram-nos os documentos, mas depois já nos reconheciam e deixavam-nos passar.

Foi ali, no número 25 daquele apartamento do primeiro andar, segundo a ordem normal de andares para os franceses, que Feliza acordou nessa sexta-feira de janeiro que seria o último dia da sua vida. Era um edifício de fachada estreita, com duas janelas por cada piso, cada uma com molduras de madeira branca e cortinas entreabertas atrás dos caixilhos. E ali estava eu, quase quarenta e dois anos depois, na rua escurida, pensando naquela mulher para contar a sua história, procurando saber o que estava a fazer no início do seu último dia, ou melhor, perguntando-me como começa o seu último dia alguém que viveu o que ela viveu. Pablo, alheio aos meus pensamentos, apontava para as duas janelas do apartamento que fora seu.

— Não fechavam bem — disse-me. — O frio entrava pelas fendas. E lembro-me disto porque todas as pessoas repetiam o mesmo: era um dos invernos mais frios dos últimos anos. E era o dia mais frio daquele inverno até então. Sim, também me lembro disso: os noticiários tinham dito que naquela noite iria nevar.

Mas estavam satisfeitos com o apartamento. Não tinha sido fácil encontrar um lugar para viver. Feliza chegara sozinha a Paris, dois meses antes dele, e, embora conhecesse mais de um colombiano na cidade, nenhum deles lhe prestou a ajuda de que precisava. Quem o fez foi a Paya Contreras, uma chilena lendária entre os exilados latino-americanos por ter sido a secretária e amante de Salvador Allende no momento

do ataque a La Moneda. Ao passo que os seus compatriotas cobriam Feliza de falsas promessas ou solidariedades hipócritas, ou simplesmente se escondiam, receosos do que poderia resultar da decisão de se associarem a ela, a Paya comportara-se como uma verdadeira amiga, e a relação entre elas não era tão próxima como a que Feliza tinha com outros. Claro que a Paya era sobrevivente do cataclismo do golpe de Estado; no seu exílio havia recebido inúmeros chilenos em fuga de Pinochet, e conseguia compreender uma pessoa que tivesse perdido o seu país, ou sido expulsa dele, ou que se tivesse expulsado a si mesma para evitar coisas piores. Por isso, Feliza instalou-se na sua casa, e foi a partir dali que começou a procurar onde viver. Todos os dias descia à rua para ir ao telefone público da esquina, de modo que a sua anfitriã não tivesse de pagar aquelas despesas, e telefonava para os números dos anúncios até que se lhe acabassem as moedas. Depois, caminhava sem destino certo, tentando acalmar a frustração nas ruas que conhecia tão bem, esperando que Pablo chegasse.

Enquanto isso, ele tinha tido melhor sorte. No final de novembro continuava sem conseguir sair de Bogotá, a resolver o necessário para ir encontrar-se com ela — trabalhando mais horas do que seria saudável e poupando o possível para comprar cheques de viagem, decidindo o que fazer com a casa em que tinham vivido juntos nos últimos doze anos, aceitando novos contratos para ganhar mais alguns dólares —, e levantava-se todos os dias com a preocupação nas entranhas com o facto de Feliza ainda não ter conseguido arranjar um lugar para os dois. Por isso, recorreu aos seus contactos, telefonou a cada conhecido que pudesse ter uma relação próxima ou distante com França, e acabou por encontrar Clarisa Ruiz, uma jovem bogotana que fora aluna de Feliza na sua aula de Desenho. Clarisa falou-lhe deste apartamento, propriedade de um artista argentino, que o seu irmão Pedro acabara de deixar para regressar à Colômbia; fizeram-se chamadas,

recomendações; e o argentino concordou em arrendá-lo. Nunca chegaram a encontrar-se com ele. Sabiam apenas que era o autor do mural espantoso que cobria uma parede inteira do apartamento, desde a porta de entrada até ao janelão que dava para a rua, passando por cima da chaminé, oferecendo-se constantemente ao olhar de quem ali entrasse. Era uma ondulação, ou uma imitação de ondas, pintada em tons azuis e cinzentos, que Feliza detestou intensamente desde que a viu pela primeira vez.

— Dizia-me sempre que iria pintar algo por cima daquilo — referiu Pablo. — Ou pelo menos tapar as ondas com lençóis pendurados. Dizia-me que, se íamos permanecer naquela casa durante algum tempo, seria a única maneira de ali viver.

O apartamento parecia existir noutro mundo. A rua deserta, o silêncio constante, a casa do presidente francês geravam esta impressão. Se seis meses mais cedo, antes dos factos que lhes viraram a vida do avesso, alguém lhes tivesse dito que acabariam por viver ali, tal possibilidade ter-lhes-ia parecido absurda e até indesejável. Na Colômbia, a proximidade aos poderosos gerara neles um sentimento de desilusão: era melhor mantê-los a uma distância de segurança, era melhor não se deixarem devorar pela sua força gravitacional. De que tinha servido a Feliza, de que tinha servido a ambos, moverem-se entre pessoas influentes? Feliza tivera como amigos vários candidatos à presidência e os jornalistas mais importantes do país; no entanto, ali haviam acabado, de qualquer forma, naquele apartamento da rue de Bièvre com o seu mural espantoso e as suas janelas que não fechavam bem, vivendo uma vida nova que não tinham escolhido, cumprindo uma pena por um crime que ninguém lhes havia indicado, e olhando, pela janela, a casa do outro lado da rua, com a sua porta de madeira e o seu dintel redondo e o presidente que Pablo e Feliza imaginavam por vezes a observar da sua própria janela a rue de Bièvre, da escuridão anónima da sala de estar, resolvendo na solidão

da cabeça as suas próprias angústias, talvez sem saber quem eram os vizinhos da frente, nem por que coincidências tinham acabado por viver naquela rua, nem como o seu governo lhes dera a única boa notícia que haviam recebido em muito tempo.

Assim fora. O Ministério da Cultura oferecera a Feliza uma bolsa de artista, um ateliê onde poderia trabalhar as suas esculturas, que eram grandes e precisavam de espaço, e a possibilidade de organizar uma exposição algures. O milagre havia ocorrido graças à intervenção de Régis Debray, o filósofo mais célebre da esquerda francesa, o amigo do Che e de Fidel Castro que assessorava Mitterrand em tudo o que se relacionava com a América Latina; e se Debray tinha intercedido por ela, isso devia-se muito certamente a Gabriel García Márquez, que fora para Feliza o mais parecido com um anjo da guarda. O anjo Gabriel. Gabo, o arcanjo. Um senhor não muito velho e com umas asas enormes. Nos dias da rue de Bièvre, quando brincavam com a possibilidade de se apresentarem a Mitterrand da próxima vez que o encontrassem, Pablo e Feliza perguntavam-se onde estariam sem a ajuda de Gabo. Chamavam-lhe assim, como lhe chamavam todos no país, mesmo que nem sequer o conhecessem. Por outro lado, Pablo e Feliza não tratavam Mercedes por Gaba, como fazia tanta gente: Pablo sempre usou o seu nome completo; Feliza chamava-lhe Merce, mas apenas em privado. E o mais importante daquela sexta-feira, dia 8 de janeiro, o que mais espaço ocupava nos planos do dia, era um jantar com Gabo e Mercedes.

Mercedes havia telefonado duas semanas antes para anunciar que chegariam em breve a Paris e para dizer que tinham muita vontade de os ver, a ambos, mas sobretudo de ver Feliza, e por isso queriam convidá-los para jantar.

— Assim, contas-nos como estás, como vos corre a vida, e pomos a conversa em dia — disse Mercedes. — O Gabo vai ficar louco se não falar contigo, e de caminho vai enlouquecer-me também a mim.

A ideia de acabar a sexta-feira a jantar com eles emocionava Feliza. Pablo lembrava-se de ela ter acordado muito cedo, mais do que era habitual, e, embora isso tivesse ocorrido com frequência naqueles meses difíceis, nunca lhe pareceu que a culpa fosse das preocupações. Podia ser apenas do frio, o frio insidioso da madrugada invernal, o frio que lhes havia conquistado o corpo nos últimos dias e que não conseguiam evitar. Mas, sendo assim, porque não tinha ficado no refúgio túbio da cama, e em vez disso preferira esperar o amanhecer na pequena sala escurecida, olhando pela janela do segundo andar como se esperasse algo importante, uma revelação, um acidente? Foi assim que a encontrou naquela manhã. Acordou, ainda na cama, apercebeu-se de que estava sozinho, preocupou-se como se preocupava amiúde. E, ao sair para a procurar, encontrou-a ali, de pé junto às janelas, tão próxima dos caixilhos de madeira que Pablo, ao abraçá-la, sentiu um sopro de ar gélido que lhe eriçava a pele. Ele procurou o céu escuro com um olhar, o céu de janeiro onde o dia ainda não começara, e viu apenas uma manta uniforme de lá suja que refletia as luzes amarelas da cidade adormecida. Sim, era verdade: naquela noite iria nevar.

— O que aconteceu? — perguntou. — Porque estás acordada tão cedo?

— Estou aqui a pensar — disse ela. — Como dormiste? — E logo de seguida: — As fitas descolaram-se outra vez.

Pablo procurou o interruptor da parede e ligou as luzes da sala.

— Vamos lá ver o que aconteceu — disse.

Aproximou-se das janelas e começou a verificar as fitas adesivas que há poucos dias tinha usado para cobrir as fendas por onde entrava o frio. Era o problema das janelas velhas: tinham-nas pintado tantas vezes, tentando disfarçar as imperfeições da madeira estalada, que agora não encaixavam devidamente, e o vento movia-as e desacomodava-as e pelos mais

ínfimos espaços entravam todos os fantasmas do inverno. Pablo encontrou o rolo de fita numa gaveta da cozinha e repetiu a reparação, embora soubesse — ambos sabiam — que Feliza era mais competente do que ele para tudo o que se fizesse com as mãos.

— Assim, é impossível aquecer este sítio — disse ela. — Só se consegue estar no quarto.

— E a lareira... — referiu Pablo.

— Sim — respondeu Feliza. — Muito caladinha, como se não tivesse nada que ver com a coisa.

A lareira havia sido emparedada como se fosse o quarto maldito de um morto. Tinham-lhes explicado que se tratava de uma lei nova para toda a cidade, mas ambos recordavam claramente os lumes generosos que se acendiam em Paris noutras épocas. Agora, tudo mudara: não se podia usar as lareiras e ninguém parecia preocupado com o facto de as pessoas que viviam em edifícios velhos, com janelas que não fechavam bem, morrerem de frio.

Mas Feliza estava a pensar noutra coisa.

— Esta noite, jantamos com eles — disse. — Quero levar-lhes uma prenda. Para lhes agradecer como deve ser. Para que saibam que estou agradecida.

— Eles sabem — disse Pablo.

— Quero levar-lhes algo especial — comentou Feliza. — Mas não consigo pensar em nada.

Pablo soltou um suspiro, e um espectro de vapor tornou-se visível no ar.

— Eu trouxe as *chiquitas* — disse. Referia-se a uma série de figuras de bronze, do tamanho de uma mão aberta e de contornos vagamente humanos, que Feliza trabalhara há muito tempo. Ela sempre gostou delas. As suas formas eram redondas e polidas, e tinham algo de primitivo e comovente: pareciam criaturas indefesas, e Feliza sentia vontade de cuidar delas. Pediu a Pablo que as trouxesse porque a ajudariam a manter

um laço com o seu país: um pouco como as migalhas de pão dos contos para crianças, que ajudam os meninos e meninas perdidos na floresta a encontrar o caminho de regresso a casa.

— Sim, não é má ideia — comentou.

— Assim, ficam em boas mãos — referiu Pablo. — Ninguém melhor do que eles para as ter em casa.

Feliza sorriu com esforço.

— Podemos decidir esta tarde — sentenciou. — Bom, vou tomar um duche. Para ver se a água quente me desentorpece um pouco. — Virou a cabeça para a janela: — E já podes apagar a luz. Finalmente, caramba. Pensei que nunca mais ia amanhecer.

Segundo as minhas averiguações, a 8 de janeiro de 1982 o Sol nasceu quando faltavam 17 minutos para as 9 da manhã. Quando mostrei esta informação a Pablo, ele disse-me:

— Sim, sim, lembro-me. Amanheceu tardíssimo. A Feliza disse: caramba, finalmente. E eu recordo ter pensado outra coisa. Ali estava, sentado na sala, a fazer um café enquanto a Feliza tomava um duche, e só conseguia pensar que finalmente era sexta-feira, que tínhamos chegado finalmente ao último dia da semana. Porque estávamos ambos esgotados. — Mas não se tratava só do cansaço acumulado, nem da tensão ou da ansiedade da nova vida. O final da primeira semana do ano alegrava Pablo absurdamente porque com isso estavam uma semana mais distantes do ano anterior. Esse *annus horribilis*, como comentara com Feliza num dado momento, e ela respondera:

— Não o disfarces com o latim. Foi um ano de merda, e pronto.

Estavam contentes por deixar esse período para trás. Tinham depositado grandes esperanças na mudança do calendário, essa superstição tolerável: o planeta acabou de dar uma

volta inteira em redor de uma estrela, e ao começar a volta seguinte mudará a sorte das criaturas que o habitam. A autorização cósmica dos começos, o Universo a libertar-nos dos fardos... Pablo nunca conseguira desfazer-se de uma racionalidade obstinada, e tinha problemas em interpretar o mundo de uma perspectiva mística, mágica; mas Feliza já havia recordado as *cabañuelas*, a tradição que vê cada um dos primeiros doze dias do ano como uma profecia do mês correspondente. O primeiro dia de janeiro fora para eles um dia tranquilo: passaram-no enfiados na cama, recuperando da festa do 31 de dezembro e da longa caminhada de regresso pelas ruas de uma Paris desolada.

— Assim será todo o mês — disse Feliza. — Nós dois sozinhos sem que ninguém nos incomode. Tu comigo, eu contigo, e o mundo que se foda. — Parecia satisfeita e ainda serena, mas Pablo estava tomado de uma sensação diferente: naqueles meses, os vários meses da separação, algo impreciso havia acontecido a Feliza.

Pensara nisto no aeroporto, no dia em que aterrou em Paris, quando saiu por fim para a zona das Chegadas e viu Feliza a abrir caminho por entre as pessoas para lhe dar um abraço de náufrago. Primeiro soube que tinha sentido a falta do contacto dos seus lábios, e depois notou que ela estava frágil e pálida, embora tais impressões enganem quando já passou tanto tempo; mas o que não podia ser um engano, por outro lado, era uma leve sombra de melancolia que Feliza parecia ter sobre si constantemente. Deixara de rir como antes, com as gargalhadas sonoras que assustavam os animais de estimação, alheios ao que acontecia, que acordavam os bêbedos nas festas e sobre as quais os seus amigos poetas haviam escrito mais de um octossílabo; substituíra-as por um sorriso tímido que só por vezes mostrava os dentes, e quem não a conhecesse teria confundido o gesto da sua boca com frieza ou ironia. Mas Pablo sabia que a causa era mais simples: estava desiludida.

Tantas pessoas que considerava amigas lhe tinham virado as costas, evitando-a com desculpas, mantendo-se em silêncio quando ela necessitou da sua ajuda... Claro que parte da culpa era sua, pois Feliza, que passara a vida a ajudar as pessoas sem que ninguém tivesse lhe pedir nada, havia acreditado, talvez, que as pessoas fariam o mesmo. Mas ninguém lhe estendeu a mão esperada, e Pablo, ao chegar ao apartamento da rue de Bièvre, apercebeu-se de que as carências tinham sido mais graves do que imaginara. No frigorífico dormiam os restos de um pequeno ovo e dois nacos de pão que em breve deveriam dar por perdidos, e sobre a mesa estreita da sala de jantar secavam as aguarelas que Feliza pintara naqueles dias. Pablo alegrou-se por ela ter sido capaz de se concentrar na pintura, mas notou então que as tinha pintado com café diluído em água, para não ter de gastar dinheiro em aguarelas.

— Já não sei quem são os meus amigos — dizia-lhe ela.
— Já não sei quais são os meus amigos de verdade e quais não são. Encontrei-me com alguns deles, outros cumprimentam-me como se não tivesse acontecido nada e dizem que um dia nos veremos, que temos de fazer alguma coisa juntos. E depois não torno a ouvir notícias deles. É como se estivesse infecta, juro-te, como se tivessem medo de mim. Os que têm pouco ou nada apareceram, sim, mas os que poderiam ajudar... Conheço aqui gente que vive em *hôtels particuliers*, que poderia ter-me alojado sem precisar de me ver durante todo o dia. Mas não, esses não fizeram nada. Como se o contacto comigo os contaminasse, como se lhes metesse a Colômbia nas suas casas de Paris. E depois acontecem coisas estranhas, incômodas. Como o episódio com os Hatems.

Carmela e José eram dois colombianos que se ofereceram para ajudar desde o início; convidaram Feliza a ir ao seu apartamento próximo da torre Eiffel para conversar sobre o que poderiam fazer, mas ela teve um percalço e não conseguiu chegar a tempo.

**A história de uma artista brilhante,
que questionou as convenções impostas
às mulheres do seu tempo e viveu de acordo
com o seu desejo de liberdade.**

«Feliza chegou à conclusão, sem saber muito bem como explicá-lo, de que a única forma de levar a vida era sem amarras — nem à família, nem aos homens, nem ao olhar das pessoas —, e de que ter um lugar no mundo, em contrapartida, era a única certeza necessária.»

A 8 de janeiro de 1982, a escultora colombiana Feliza Bursztyn morre num restaurante de Paris. Tinha quarenta e oito anos e, no momento da sua morte repentina, estava acompanhada pelo marido e quatro amigos. Um deles era o escritor Gabriel García Márquez, que, uns dias depois, publicou um artigo que incluía três palavras aparentemente simples, mas profundamente misteriosas: «Morreu de tristeza.»

Juan Gabriel Vásquez parte deste enigma para investigar a vida secreta de Feliza Bursztyn: filha de um casal judeu expatriado na Colômbia, artista revolucionária em tempos de convulsão política, mulher de espírito livre num mundo que desconfiava da liberdade feminina. A vida de Feliza pôs a descoberto as grandes tensões do século XX e, acima de tudo, reivindicou o desejo de ser dona de si mesma.

Neste livro, Juan Gabriel Vásquez entretete habilmente biografia, realidade e imaginação, entregando aos leitores uma ficção admirável sobre como a vida íntima de todos os seres humanos é inevitavelmente dominada pelas forças da História e da política.



«[Feliza Bursztyn foi] a Madame Bovary do século XX.»

JONATHAN SAFRAN FOER

**«Vásquez sucedeu a García Márquez como o grande mestre
da literatura colombiana»**

The New York Review of Books



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora

@penguinlivros

ISBN: 978-989-583-631-4



9 789895 836314